

Espaço é reduzido, mas sobra fé

Não é difícil encontrar barracos vazios. O mais comum, no entanto, é ver famílias numerosas morando em espaços apertados. São barracos de madeirite e papelão. É o caso da família da catadora de lixo Maria Madalena Oliveira, 42 anos. Além de cuidar de seus seis filhos, incluindo um de apenas quinze dias, Madalena toma conta de sobrinhos e filhos de colegas que trabalham no Lixão.

Uma de suas filhas mais velhas, de 18 anos, que estudou apenas até a 4ª série, leciona para crianças da comunidade. "Algumas mulheres que precisam ir trabalhar deixam suas crianças para agente cuidar. Cobramos R\$ 30 por mês", conta Madalena.

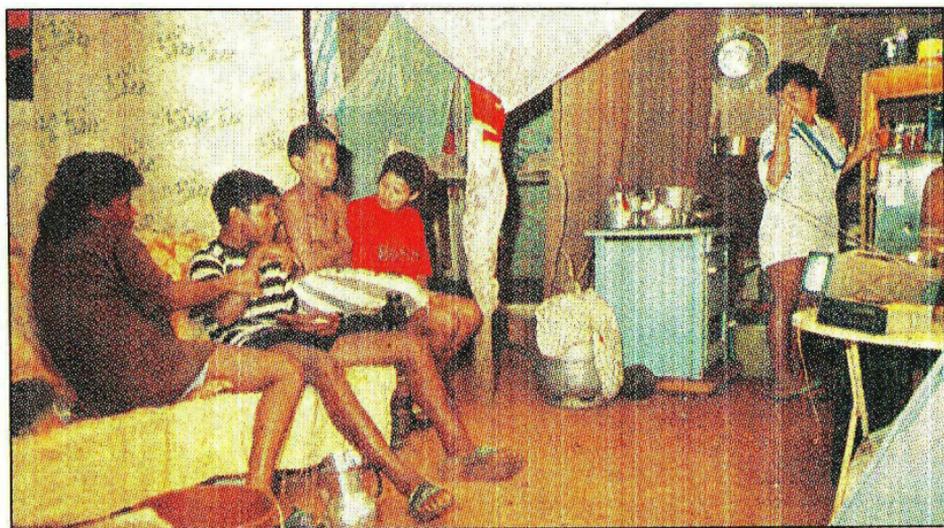
Bar - O carpinteiro Edson Soares de Souza, 24 anos, é outro que perferiu improvisar uma casa na invasão a continuar pagando aluguel em Samambaia. "Soube que tinha muita gente vindo

morar aqui e resolvi tentar também", conta Edson.

Ele montou um barzinho, onde vende basicamente cachaça. Enquanto Edson cuida do bar, sua mulher fica escondida com seu filho de cinco meses debaixo do balcão. Talvez porque, à noite, apenas homens frequentam o bar, que tem duas mesas de sinuca. É uma das poucas opções de lazer do local.

Fé - À noite, as Igrejas são os lugares mais agitados da invasão. Muita cantoria e muitas palmas tomam conta dos cultos. A maioria dos moradores pertence a uma das 18 igrejas espalhadas pela invasão.

"Todas as noites nos reunimos na Igreja. Aos domingos tem a escolinha dominical", conta Márcia de Souza, 21 anos. Seu marido, além de trabalhar como estofador, é pastor de uma das igrejas. O aparelho de som da Igreja foi comprado com doações.(SS)



No barraco de Maria Madalena, o maior problema é a falta de espaço